BOBBIO E O DIÁLOGO COM MARX

Rafael Salatini
Doutor em Ciência Política pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Professor Adjunto I da Faculdade de Direito e Relações Internacionais da UFGD.

BOBBIO, Norberto. *Nem com Marx, nem contra Marx.* Org. C. Violi. Trad. M.A. Nogueira. São Paulo: Unesp, 2006. (317p.)

Aos poucos, a imensa obra filosófica do pensador piemontês Norberto Bobbio (com mais de 3.000 títulos na catalogação final) vai sendo traduzida para o português. Com um atraso de menos de 10 anos, é a vez de *Nem com Marx, nem contra Marx* (1997), organizado por Carlo Violi, incluindo a maior parte dos textos bobbianos sobre o marxismo, escritos entre os anos 1943 e 1993, contemplando um texto dos anos 1940, três textos dos anos 1950, três textos dos anos 1960, cinco textos dos anos 1970, três textos dos anos 1980 e três textos dos anos 1990, perfazendo um recidivo diálogo mantido aberto por praticamente toda a vida intelectual do principal fautor do famoso *Dizionario di politica* (1976 [com N. Matteucci]; 1983 [2ª ed. rev. e ampl., com N. Matteucci e G. Pasquino]). Ainda que o livro não seja completo (embora a extensão incomum da obra bobbiana não permita que nenhuma compilação o seja), permanecendo alguns textos sobre o tema ainda inéditos em nossa língua (e outros compilados em outras obras já traduzidas), esta tradução vem complementar o rico diálogo entre Bobbio e os comunistas já conhecido pela tradução das obras *Quale socialismo?* (1976), *Il marxismo e lo Stato* (1979) e *Saggi su Gramsci* (1990) já existente há alguns anos em nossas livrarias.

A obra é composta de três partes, que abordam, respectivamente, o debate sobre o marxismo, o marxismo teórico e alguns discursos críticos sobre o marxismo. Nas três partes, ressoam simultaneamente um profundo e respeitoso conhecimento do pensamento marxiano e engelsiano (e, em parte, do pensamento marxista, de Lukács – tanto o jovem quanto o velho – a Althusser e Poulantzas, de Della Volpe aos pensadores frankfurtianos, etc.), por um lado, e uma profunda crítica ao pensamento político marxista, considerado, no termos do próprio autor, "insuficiente". Entre uma coisa e outra, percebe-se a pertinência do título, a respeito do qual escreve o

organizador da obra: "As relações de Bobbio com Marx, com o marxismo e com os marxistas, sobretudo os comunistas [...] são estreitamente vinculadas entre si e podem ser resumidas, sinteticamente, em duas fórmulas análogas e perfeitamente simétricas. A relação com os comunistas se expressa na fórmula *nem com eles nem contra eles*, que, como se sabe, também é o título de um ensaio dominantemente autobiográfico [presente em *Il dubbio e la scelta* (1993), também já traduzido em português] com o qual Bobbio refez, depois da derrocada do comunismo histórico ou da 'utopia invertida', o exame de consciência sobre suas próprias relações com os comunistas. A relação com Marx e com o marxismo pode ser resumida, em vez disso, na fórmula análoga *nem com Marx nem contra Marx*, que é por sua vez o título da presente coletânea" (p. 20).

Na primeira parte, intitulada "O debate sobre o marxismo", encontram-se cinco textos, sendo dois referentes a prefácios escritos sobre um texto de Marx (os comentadíssimos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*) e um texto – não marxista, mas hegeliano – de L. Fewerbach (*Os princípios da filosofia do futuro*, de 1843), em que Bobbio se dedica a um curioso exercício para um filósofo liberal e analítico (que apenas o espírito de erudição e de despreconceituosa divulgação intelectual, desempenhado inúmeras vezes pelo autor, explicam): a apresentação lúcida e, em grande parte, axiologicamente neutra, de dois textos não-liberais e não-analíticos. Os outros três textos são de duro, mas instigante diálogo – bastante crítico – entre Bobbio e os comunistas italianos. Em "A filosofia antes de Marx" (1950), Bobbio rebate duramente a defesa exagerada de Marx feita por F. Balbo em dois artigos denominados em conjunto *A filosofia depois de Marx* (1949), segundo quem Marx havia dissolvido plenamente a filosofia hegeliana, que por sua vez havia concluído toda a filosofia racionalista, que por sua vez compreenderia todo o pensamento filosófico pré-hegeliano. Última Bobbio: "Em conclusão, existem boas razões para afirmar: 1) que o racionalismo absoluto não inclui todo o pensamento moderno; 2) que Hegel não é a conclusão do racionalismo; 3) que Marx não desmistificou Hegel. Se essas razões são válidas, ou mesmo se somente uma delas é válida, seria então possível sustentar que Marx constitui um fato decisivo na história da filosofia por ter invertido a filosofia de Hegel, entendida como conclusão daquele racionalismo em que se resumiria todo o pensamento moderno?" (p. 67).

No texto "Ainda sobre o stalinismo" (1956), o mais extenso e, de certa forma, o mais interessante da obra (assim como um dos mais importantes textos bobbianos sobre o comunismo e, até então, menos acessíveis aos

leitores atuais), Bobbio apresenta uma dura crítica ao regime soviético: com base no relatório Krushev de 1956, Bobbio compara o regime stalinista à figura clássica da tirania (descrita classicamente por Platão na *República*), afirmando que tal regime se caracterizava mais por ser uma ditadura pessoal que uma ditadura de classe, como vinha sendo descrita, acriticamente, até então, no âmbito do marxismo (embora não entre os liberais). Centrando sua crítica mais exatamente na teoria política marxista que nas instituições políticas soviéticas, Bobbio descreve a insuficiência do pensamento político marxista, baseado este mais no que chama de "princípio da autoridade" que em critérios empíricos de verificação, como o principal obstáculo ao desenvolvimento positivo da política soviética na época de Stálin. (Em grande parte, este importante texto apresenta em germe toda a discussão que seria retomada por Bobbio nos artigos que comporão os citados livros sobre o marxismo, o Estado e a democracia dos anos 1970.) Em "Stálin e a crise do marxismo" (1987), Bobbio responde em oportunidade tardia, aos críticos do artigo de 1956, em especial na figura de V. Gerratana e F. Fortini, aceitando gentilmente as críticas, sem concordar com elas, mas recolocando pontualmente seus argumentos.

Na segunda parte, que tem por título "O marxismo teórico", são coligidos cinco textos que apresentam o detido conhecimento bobbiano sobre o pensamento político marxiano (de fazer inveja a muitos discípulos menos dedicados), e em parte marxista, e sua franca avaliação sobre o mesmo. No confuso texto "A dialética de Marx" (1958, escrito no mesmo ano de "Nota sulla dialettica in Gramsci", presente na obra sobre o pensador comunista sardenho), Bobbio compõe um texto sobre um dos temas mais importantes e simultaneamente mais conceitualmente descurados da obra de Marx: o método dialético. Analisando as duas principais exposições marxianas do método dialético, somadas a algumas passagens tão raras quanto insuficientes desenvolvidas em sua obra, além e, sobretudo, às dogmáticas exposições do método feitas tardiamente por Engels, Bobbio tenta oferecer um exercício – também incomum entre os liberais (lembro de outro pequeno texto assinado por Popper) – de compreensão sobre um dos tópicos mais controversos do marxismo (cuja discussão, por mais rios de tinta que já tenha derramado, pouca clareza alcançou até hoje), distinguindo, depois de confirmar a dialeticidade herdada de Hegel do pensamento marxiano, colocada em dúvida mais de uma vez, as duas (a rigor, três) concepções de dialética, uma forte e outra fraca, presentes no pensamento de Marx: a dialética como síntese dos opostos e como compenetração dos opostos (excluindo a concepção ligada à conversão

da quantidade em qualidade). "Marx e o Estado" (1883), por sua vez, reproduz o eficiente verbete "marxismo" escrito para o citado *Dizionario di política*, centrado nos conceitos de sociedade civil e Estado e infraestrutura e superestrutura, analisados especialmente a partir de passagens retiradas de *A ideologia alemã* (1845-1846, publicação póstuma) e *Contribuição à crítica da economia política* (1859).

"Marxismo e ciências sociais" (1974) apresenta uma rica análise da relação entre o ideário marxista e as ciências sociais empiristas (especialmente de matriz norte-americana), na tentativa de suplantar os preconceitos recíprocos, sob quatro aspectos: 1) epistemológico (marxismo *x* positivismo lógico), 2) teórico (marxismo *x* funcionalismo), 3) metodológico (marxismo *x* empirismo), e 4) ideológico (marxismo *x* individualismo). Ainda que o objeto de interesse bobbiano no âmbito do marxismo tenha sido sempre mais o pensamento marxiano (e, no marxismo, engelsiano e leniniano), percebe-se, neste texto, que Bobbio acompanhava de perto também as discussões que emanavam da escola de Frankfurt (assim como, em outros textos, observa-se seu igual conhecimento das discussões da escola de Messina [Della Volpe], da escola estruturalista [Althusser], da escola de Budapeste [velho Lukács], etc., num rico, embora diminuto, diálogo com as principais tendências daquele que o historiador P. Anderson chamou, há algumas décadas, de "marxismo ocidental"), mencionando centralmente o interessantíssimo debate epistêmico e metodológico entre Adorno e Popper, nos anos 1960, e Habermas e Albert, uma década depois, representantes, respectivamente, os primeiros de cada dupla, do marxismo, e os segundos do positivismo. Para efeito de exemplificação das duas áreas, por fim, Bobbio empreende uma absorvente comparação entre o pensamento político de G.A. Almond e G.B. Powell, sociólogos políticos representantes do funcionalismo norte-americano, e N. Poulantzas, pensador político representante do marxismo estruturalista (com quem Bobbio travaria mais de um diálogo), quando os quatro níveis mencionados acima, explicados na primeira parte do texto, são exemplificados corporalmente nos dois casos escolhidos.

"Marx e a teoria do direito" (1978) estende a recidiva questão bobbiana sobre a existência de uma teoria do Estado marxista à teoria do direito, com a constatação de que, se a primeira se conta em páginas, a segunda se conta em linhas no pensamento marxiano. Do ponto de vista substantivo, dois argumentos são apresentados para esclarecer a inexistência de uma teoria marxista do direito: a indistinção entre Estado e direito (elementos sobrepostos no conceito único de superestrutura) e o tratamento da ma-

téria jurídica tanto nas questões estruturais (questões de direito privado) quanto nas superestruturais (questões de direito público), sem maior especificação, padecendo tanto das características de defeito (tratamento de matérias distintas daquelas que são tradicionalmente consideradas jurídicas) quanto de excesso (diversas concepções de direito simultâneas). Segundo Bobbio, se há, não uma teoria, mas sim uma hipótese, sobre o direito em Marx (extensiva ao marxismo), é aquela que concebe o direito como um instrumento de domínio de classe, embora exposta de maneira fragmentária, obscura e insuficiente no conjunto da obra do autor de *O capital* (1867 [livro I]; 1885 [livro II, publicação póstuma, ed. Engels]; 1894 [livro III, publicação póstuma, ed. Engels]). Por fim, "Relações internacionais e marxismo" (1981) – já conhecido do público brasileiro em mais de uma edição (coligido nos livros *Da Hobbes a Marx* (1965), *El filósofo y la política* (1996 [coletânea mexicana]), e *Teoria generale della política* (1999), já traduzidos para o português) – estende a mesma questão do texto anterior (se existe uma teoria marxista do Estado, se existe uma teoria marxista do direito, etc.) às relações internacionais. Resumindo o tema central das relações entre os Estados no fenômeno sintético da guerra, Bobbio pergunta se existe uma teoria marxista da guerra e qual seria. A resposta positiva é encontrada na explicação marxista do imperialismo em função do capitalismo (presente de Lênin a Luxemburgo), contraposta à explicação liberal da recorrência às guerras em função do despotismo (presente de Locke a Kant). No que se refere aos textos de Marx e Engels, destaca-se, todavia, o maior interesse pelas guerras civis e revoluções (questões internas) que pelas guerras internacionais. Concernentemente a estas últimas, objeto central da teoria do imperialismo, Bobbio afirma, resumindo, que o problema do imperialismo não esgota o tema da guerra, uma vez que nem todas as guerras podem ser explicadas pelo imperialismo (ou pelo capitalismo) nem toda forma de imperialismo leva à guerra, conformando ambos círculos não sobrepostos completamente, fazendo com que as teorias marxistas da guerra devam "ser consideradas – em suas palavras – como teorias que não oferecem instrumentos adequados para compreender o fenômeno da guerra em toda a sua extensão" (p. 235).

Na terceira parte, intitulada "Discursos críticos", são compilados diversos pequenos textos como "Marxismo crítico" (1962) e "Marxismo e fenomenologia" (1964), que serviram de resenhas aos livros *Marxismo como historicismo* (1962) de N. Badaloni e *Funções da ciência e significado do homem* (1963) de E. Paci, respectivamente, que discutem a relação do marxismo com as novas tendências filosóficas pós-marxianas. "Marx,

Engels e a teoria do Estado" (1975) e "Marxismo e a questão criminal" (1977) reproduzem as cartas escritas por Bobbio (e posteriormente publicadas) a D. Zolo e A. Baratta, respectivamente, retornando às questões, a primeira, se o marxismo possui uma teoria do Estado, e a segunda, se possui uma teoria do direito (especialmente, aqui, sobre a questão penal). "Teoria do Estado ou teoria do partido?" (1978), "Uma tentativa de resposta para a crise do marxismo" (1992), "Ainda a propósito de marxismo" (1993) e, finalmente, "Convite para que se releia Marx" (1993) tematizam a crise do marxismo. No primeiro texto, Bobbio dialoga com o filósofo marxista L. Althusser (na sequência de um recidivo diálogo com o marxismo estruturalista, o que inclui diversas polêmicas travadas, como dito, também com Poulantzas) sobre o repetitivo tema da teoria do Estado. No segundo texto, comenta o livro *O fio de Ariadne* (1990) de C. Preve, que segue os passos do último Lukács para a reconstrução do marxismo. No terceiro, responde novamente a Preve em função do comentário inicial. E, por fim, no quarto texto, Bobbio reitera a tese da crise do marxismo presente nos textos anteriores, oferecendo, contudo, duas perspectivas de revitalização do mesmo, com as seguintes palavras: "Vejo principalmente duas delas [estratégias de salvação do marxismo]. A primeira: não obstante à conclamada derivação marxiana do comunismo soviético, Marx, o 'verdadeiro' Marx, não é de modo algum responsável pelo que ocorreu no país, ou melhor, nos países, do assim chamado socialismo realizado. E não é responsável porque não existe uma relação imediata entre teoria e práxis. (...) Uma segunda estratégia é a que parte da constatação de que existem muitos Marx e de que, à distancia de mais de um século, não dá para salvar a todos eles nem para jogá-los todos fora. É a estratégia que eu chamaria de 'dissociação'" (p. 303-304). Se tomarmos as diversas tentativas de reconstrução do socialismo, em geral, e do marxismo, em particular, na atualidade, veremos que tanto estas duas estratégias quanto inúmeras outras (resgate do socialismo utópico, resgate do socialismo romântico, resgate de inspirações marxianas crípticas, renegação de Marx, etc.) têm sido tentadas, não se podendo dizer, ainda hoje, que Marx – assim como fora considerado injustamente Hegel, na sua época – se trata de um cachorro morto.

Como balanço da obra, pode-se dizer que, num século como o século passado, em que o ódio e as ideologias na maior parte do tempo suplantaram a inteligência (pense-se nas mortes horrendas de Korsh, Luxemburg e Gramsci, para ficarmos apenas entre as perdas comunistas), esta compila-

ção dos textos bobbianos pode servir, senão muito, pelo menos como um indício de que, ao longo do século, algumas pessoas não se entregaram à recusa do raciocínio lógico, da paciência argumentativa e da ponderação dos fatos em nome da adesão rápida e inconsequente a frases de efeito. Os textos de Bobbio – que se define como liberal-socialista – prestam uma necessária lição tanto aos liberais que pensam que não têm nada a aprender com os socialistas quanto aos socialistas que pensam que não têm a aprender com os liberais. Na fraca introdução escrita por Carlo Violi, pode-se ler esta frase que resume precisamente a obra: "Bobbio declarou diversas vezes não ser nem marxista nem antimarxista, e que sempre considerou Marx um clássico com quem se devia acertar as contas" (p. 21). Repito: advinda de um século de cultivo do ódio, inclusive por parte dos intelectuais, posições moderadas como esta inspiram – ou deveriam inspirar – no mínimo o respeito intelectual (sem nenhuma necessidade de concordância com as ideias bobbianas).

Data Recebimento: 25 de maio
Data Aceite: 21 de junho